

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**Claudio Leandro Buss**

**ESCOLA DA FLORESTA: UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM NA  
PERSPECTIVA DE JOSÉ FRANCISCO DE ALMEIDA PACHECO**

**Caçapava do Sul**

**2021**

**Claudio Leandro Buss**

**ESCOLA DA FLORESTA: UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM NA  
PERSPECTIVA DE JOSÉ FRANCISCO DE ALMEIDA PACHECO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca  
examinadora como requisito parcial para obtenção do  
título de Especialista em Gestão e Educação Ambiental.  
Orientador Prof. Me. Bruno Emílio Moares

**Caçapava do Sul**

**2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

B981e Buss, Claudio Leandro  
Escola da Floresta: Uma comunidade de aprendizagem na  
perspectiva de José Francisco de Almeida Pacheco / Claudio  
Leandro Buss.  
25 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)--  
Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO E  
EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2021.  
"Orientação: Bruno Emílio Moares".

1. Educação Ambiental. 2. Comunidades de Aprendizagem. 3.  
José Francisco de Almeida Pacheco. I. Título.

30/05/2021

SEI/UNIPAMPA - 0507412 - SISBI/Folha de Aprovação



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal do Pampa

**CLAUDIO LEANDRO BUSS**

**ESCOLA DA FLORESTA: UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DE JOSÉ FRANCISCO DE ALMEIDA PACHECO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão e Educação Ambiental.  
Orientador: Prof. Me. Bruno Emilio Moares.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 18 de janeiro de 2021  
Banca examinadora:

[https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador.php?acao=documento\\_imprimir\\_web&acao\\_origem=arvore\\_visualizar&id\\_documento=561764&infra\\_sistema=10000100&infra\\_unidade\\_atual=6110&infra\\_hash=fe147a1...](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=561764&infra_sistema=10000100&infra_unidade_atual=6110&infra_hash=fe147a1...) 1/2

30/05/2021

SEI/UNIPAMPA - 0507412 - SISBI/Folha de Aprovação

Prof. Me. Bruno Emilio Moares. Orientador  
UNIPAMPA

Prof.ª Dr.ª Ângela Maria Hartmann  
UNIPAMPA

Prof.ª. Me. Rafaela Rios  
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **ANGELA MARIA HARTMANN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/04/2021, às 20:49, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **RAFAELA RIOS, ADMINISTRADOR**, em 22/04/2021, às 12:15, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **BRUNO EMILIO MORAES, Técnico em Assuntos Educacionais**, em 30/05/2021, às 18:06, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0507412** e o código CRC **06D09C4A**.

Dedico este trabalho aos meus Guias e  
Protetores...

## AGRADECIMENTO

Ao estimado e orientador Prof. Me. Bruno Emilio Moares

Agradeço em especial o Prof. José Francisco de Almeida Pacheco

Aos professores... Prof. Dr. André Luís Silva da Silva, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anelise Marlene Schmidt, MSc. Carolina Sampaio Marques, Prof.<sup>a</sup> Esp. Cassia Michele Virginio da Silva, Profa. Dr.<sup>a</sup>. Elenize Nicoletti, Prof. Dr. José W. Jiménez Rojas, Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Mara E. Jappe Goi, Prof. Dr. Mateus Guimarães, Prof. Dr. Márcio André Rodrigues Martins, Prof. Dr. Rafael Matias Feltrin, Prof. Dr. Vicente Guilherme Lopes

À mui estimada coordenadora de curso Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina de Matos Jauris

E a Banca em especial:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ângela Maria Hartmann

Prof.<sup>a</sup> Me. Rafaela Rios

A todos os colegas de curso de Especialização em Gestão e Educação Ambiental e em especial as colegas dos trabalhos em grupo Ana Paula Corrêa & Sabrina Gonçalves...

E meu amigo ajudou nas correções Carlos Reginato.

## **Escola da Floresta: Uma comunidade de aprendizagem na perspectiva de José Francisco de Almeida Pacheco**

Claudio Leandro Buss – [claudiobuss.aluno@unipampa.edu.br](mailto:claudiobuss.aluno@unipampa.edu.br)

### **RESUMO**

O presente artigo é um estudo de caso que visa acompanhar a implantação e o desenvolvimento da Comunidade de Aprendizagem Escola da Floresta, inspirada no trabalho do educador português José Francisco de Almeida Pacheco. Trata-se de um Projeto de Extensão da Universidade Federal do Pampa – Campus Caçapava do Sul - em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Eliana Bassi de Melo, que visa contribuir para qualificar a aprendizagem dos seus estudantes e estreitar os laços com a comunidade do Bairro Floresta, onde a escola está inserida.

**Palavras-chave:** Comunidades de Aprendizagem; Escola da Floresta; José Francisco de Almeida Pacheco; Escola da Ponte.

### **RESUMEN:**

Este artículo es un estudio de caso que tiene como objetivo monitorear la implementación y desarrollo de la Comunidad de Aprendizaje Escola da Floresta, inspirado en el trabajo del educador portugués José Francisco de Almeida Pacheco. Este es un Proyecto de Extensión de la Universidad Federal de lo Pampa - Campus Caçapava do Sul - en alianza con la Escuela Primaria Municipal Eliana Bassi de Melo, que tiene como objetivo a mejorar el aprendizaje de sus estudiantes y fortalecer los lazos con la comunidad del Barrio Floresta, donde se encuentra la escuela.

**Palabras clave:** Comunidades de Aprendizaje; Escola da Floresta; José Francisco de Almeida Pacheco; Escola da Ponte.

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo tem por objetivo geral abordar a implantação do Projeto Escola da Floresta, um Projeto de Extensão da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Eliana Bassi de Melo, que busca contribuir com a melhoria dos níveis de aprendizagem dos estudantes e com a ampliação dos laços com a comunidade. Pois, entende-se que a gradual redução do número de matrículas na escola é um diagnóstico de que a comunidade do bairro está se afastando da escola (que em muitos casos prefere matricular seus filhos em escolas de outras localidades).

Entendemos que o desenvolvimento de uma Comunidades de Aprendizagem, junto a escola, pode auxiliar na superação desses desafios, considerando que sua metodologia busca instigar os estudantes a partir de seus interesses particulares, motivando e mobilizando a vontade sincera de aprender. Seu caráter comunitário tende a aproximar a comunidade do cotidiano escolar, pois entende a comunidade (assim como a escola) como um território com potencial de estimular a aprendizagem de sua crianças e jovens.

As Comunidades de Aprendizagem são organizações educacionais populares que consolidam redes entre pessoas dispostas a contribuir na aprendizagem de uma comunidade específica. Nessas comunidades, normalmente vinculadas a uma escola pública, não existe um currículo prévio e o enfoque não está na transmissão de conteúdo; o currículo emerge a partir os interesses da comunidade e da vontade de aprender dos estudantes (FREIRE, 1994).

Além disso, estes projetos também exploram os potenciais educativos dos territórios onde estão inseridos. Portanto, além do quadro formal de professores da escola, também são considerados educadores: os espaços públicos, as organizações comunitárias e membros da comunidade. Assim, a escola rompe seu isolamento e integra a comunidade valorizando as diversas contribuições que a comunidade pode trazer ao desenvolvimento educacional dos sujeitos aprendentes, enquanto a escola acaba se consolidando como espaço disposto a pensar os desafios da comunidade e propor forma de resolvê-los de forma coletiva. (PACHECO, 2014).

A dimensão socioambiental dessas comunidades se expressa por sua perspectiva comunitária, uma visão ampliada da relação humana com a natureza. Não se trata de decorar informações sobre a questão ambiental, mas de viver um processo educativo, no qual esses temas emergem a partir das necessidades da comunidade: destinação de resíduos, contaminação das águas, saneamento, consumismo, etc. Portanto, a Educação Ambiental é abordada de forma transdisciplinar, envolvendo temas e dilemas próprios da comunidade.

A fim de observar com mais proximidade essa metodologia, para além das referências bibliográficas, optamos por acompanhar a implantação do projeto desta natureza que está em fase inicial no município de Caçapava do Sul. O projeto de extensão Escola da Floresta que teve início no ano de 2019 a partir do processo formativo Escolas em Transição (sob a coordenação do professor José Pacheco).

Como metodologia partimos de uma pesquisa bibliográfica qualitativa para conhecer melhor a proposta do professor José Pacheco, somada ao estudo de caso do Projeto Escola da Floresta como um exemplo de vivência prática dessa metodologia.

## 2 JUSTIFICATIVA

Nas últimas décadas, a civilização ocidental sofreu profundas modificações, principalmente decorrentes do veloz desenvolvimento das novas tecnologias. Essas modificações provocam alterações profundas nas relações sociais e nas formas de comunicação,

modificando também a relação humana com o conhecimento. Se no passado, em uma sociedade pouco letrada, a escola era um centro privilegiado de conhecimentos e de informações, na atualidade, essa função é ameaçada pelo amplo acesso à informação proporcionado pela internet.

Atualmente, as crianças e jovens em idade escolar são nativas dessa sociedade veloz e informatizada, o que influencia diretamente nos processos de aprendizagem desde a primeira infância. No entanto, no mesmo recorte de tempo em que a sociedade se revolucionou por conta desse processo de informatização, o modelo escolar sofreu poucas modificações substanciais. Desde o século XIX encontramos nas escolas e em sua estrutura organizacional: quadros, carteiras, provas, sinal, recreio, professores, direção, supervisão etc.

Esse descompasso entre o desenvolvimento cultural e tecnológico das últimas décadas e as velhas estruturas educacionais focadas na transmissão de conteúdos acabam por ocasionar o desinteresse dos educandos. Pois, uma aula expositiva sobre o Egito, por exemplo, será menos interessante que um vídeo/documentário que recria os costumes, trajes e histórias das dinastias egípcias. Como afirma Leite:

Críticas e descontentamentos com o modelo hegemônico escolar que nos é oferecido existem há um tempo. Diversos autores apontam as falhas desse sistema que serve, muitas vezes, para perpetuar desigualdades, muitos sugerem alternativas, alguns falam até sobre a desescolarização. Mas o intrigante é como ainda existem tantas instituições com um modelo educacional similar ao de dois séculos atrás, mesmo com a ineficácia comprovada de certos métodos, o alto índice de evasão e desinteresse dos alunos, a escola continua da mesma forma segundo José Pacheco (2004) *apud* (LEITE, 2015, p. 8)

Portanto, podemos perceber que existe uma tendência de perpetuar sistemas educativos que já não dão conta de atender as necessidades educacionais do século XXI. Segundo o Secretário Executivo para a Primeira Infância do Recife - Rógerio Moris:

É compreensível o incômodo com a situação atual da educação do Brasil. Segundo o QEdu, apenas 34% dos estudantes que concluem o Ensino Fundamental aprendem o que deveriam aprender de Língua Portuguesa e 15% em Matemática. De acordo com o estudo Um Olhar sobre a Educação, divulgado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), mais da metade dos brasileiros não tem diploma do Ensino Médio. E somente 21% com faixa etária de 25 a 34 anos possuem diploma desta etapa, conforme dados do relatório Education at Glance 2019, divulgado pela OCDE. Esse é um cenário realmente muito negativo. (MORIS, 2020, p. 1)

Estes dados denotam uma ineficiência do sistema escolar brasileiro, que apesar dos investimentos e esforços dos educadores seguem apresentando índices baixíssimos de aproveitamento escolar. Em nossa experiência na Escola Elina Bassi de Melo (Caçapava do Sul), a situação é ainda mais preocupante, segundo a avaliação da Prova Brasil no ano de 2017, dos estudantes que estão terminando o Ensino Fundamental (9º ano), apenas 5% atingiram a aprendizagem esperada em Matemática e 21% alcançaram proficiência em Português.

Diante desse cenário de baixo aproveitamento escolar e de grande desinteresse dos jovens com a aprendizagem escolar, compreendemos que as Comunidades de Aprendizagem têm o potencial de contribuir para uma renovação do modelo de educação.

Traremos dois aspectos dessas comunidades que podem auxiliar na superação das dificuldades com que a educação escolar tem se deparado. O primeiro refere-se a sua capacidade de mobilizar o interesse genuíno dos sujeitos aprendentes. Sendo o estudante o ponto central do processo educacional, essa metodologia sempre inicia os processos de aprendizagem a partir do chamado “Currículo Subjetivo”, que envolve os interesses e os desejos pessoais dos estudantes. Partindo desse interesse, o professor-tutor auxilia os estudantes para que esses atinjam formas mais sistematizadas e complexas de conhecimento (PACHECO, 2013, p. 64).

Entendemos que não existe aprendizagem verdadeira sem a vontade genuína de aprender. Pois estudar para passar na prova (como acontece na maioria dos casos) pode produzir memorização de baixa duração, mas não aprendizagens para a vida. Sobre esse tema, o professor Celso Vasconcellos, refere-se ao conceito de mobilização, para se referir a esses despertar do interesse de aprender:

[...] mobilização para o conhecimento, o que quer dizer que cabe ao educador não apenas apresentar os elementos a serem conhecidos, mas despertar, como frequentemente é necessário, e acompanhar o interesse dos educandos pelo conhecimento. A partir disso, o educando deve construir propriamente o conhecimento, até chegar a elaborar e expressar uma síntese do mesmo. (VASCONCELLOS, 2012, p.3)

A segunda contribuição desse tipo de organização escolar é sua forte dimensão comunitária. As Comunidades de Aprendizagem, por seu caráter democrático e participativo, têm a capacidade de mobilizar a comunidade local, não apenas como espectadoras, mas como sujeitos que participam das decisões e do cotidiano escolar. Além disso, os membros da comunidade são convidados a compartilhar seus saberes com a comunidade escolar, pois - segundo essa perspectiva - todos podem trabalhar como educadores e contribuir com a aprendizagem dos demais.

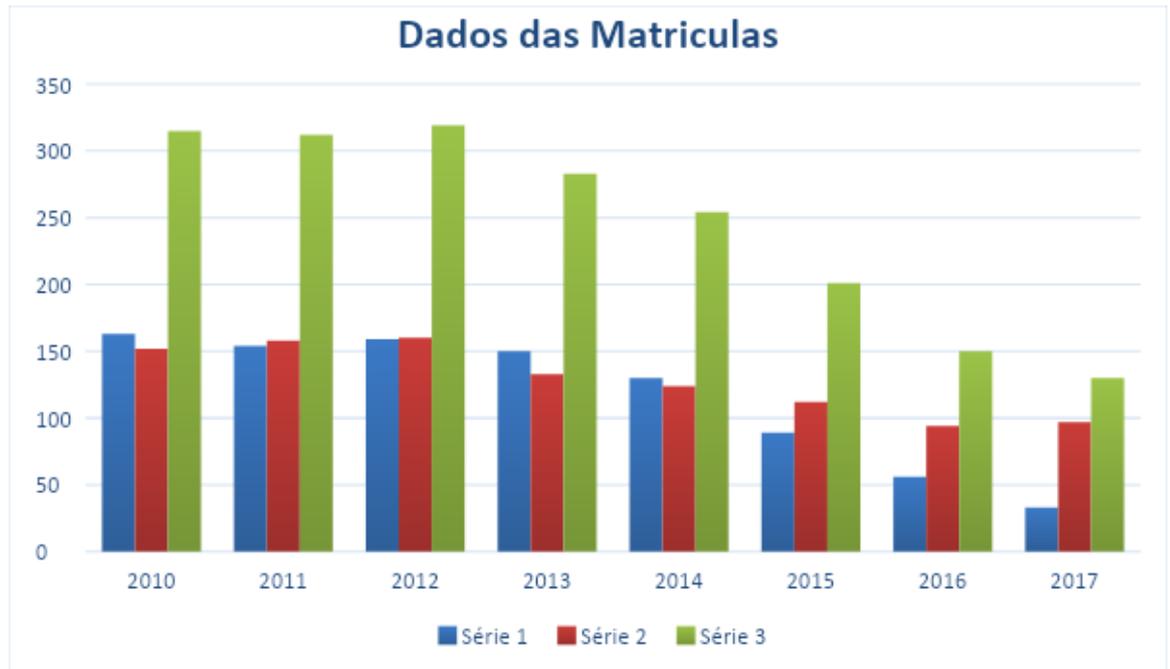
Assim, a vizinha agricultora pode auxiliar nas aprendizagens da escola, sendo a responsável pelas oficinas na horta; a associação de bairro se consolida como importante ambiente de aprendizagens sociopolíticas; o problema do lixo torna-se objeto de estudo e reflexão dos estudantes no cotidiano da escola, que buscam estratégias de superação.

Essa perspectiva comunitária acaba trazendo uma concepção aprofundada das questões socioambientais. A primeira delas é que não prioriza uma dicotomização sociedade/natureza, são compreendidos na totalidade do complexo, com uma profunda relação socioambiental, todos fazemos parte de um mesmo mundo.

A própria ideia de Comunidade de Aprendizagem já contém em si essa dimensão, pois a visão de comunidade (como ambiente) é compreendida como elemento educador, não se trata de um lugar estático que serve de cenário para as ações humanas. Assim, o ambiente e a natureza deixam de ser elementos externos à escola e aos alunos, para integrarem de forma tão profunda nos processos de aprendizagem que desaparecem como temática isolada. Por isso, as temáticas ambientais emergem de forma espontânea a partir dos dilemas, das curiosidades e das necessidades da comunidade.

A Escola Eliana Bassi de Melo, localizada em uma região de grande vulnerabilidade social, enfrenta graves problemas referentes a baixíssimo número de matrículas e insuficiente desenvolvimento na aprendizagem dos seus estudantes. Segundo Qedu<sup>2</sup>, temos dados da matrícula da escola desde 2010 até 2017 o Gráfico para auxiliar a visão do decréscimo no número de matrículas no decorrer dos anos.

Gráfico 1 - Dados de número de matrículas.



Fonte: Dados extraídos (QEDU 2020, p.1).

---

Qedu<sup>2</sup>, é um portal de dados aberto de informação sobre a qualidade do aprendizado em cada escola, município e estado do Brasil. Com a finalidade de conhecer melhor a educação no país, fornecendo dados mais elaborados que Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). (QEDU 2021)

Conforme o gráfico acima, percebe-se o problema de a Escola estar perdendo alunos gradativamente nos últimos anos. Além disso, podemos observar que os índices do IDEB dessa mesma escola apresentam baixo nível de aprendizagem

Gráfico 1 Ideb da Escola Eliana Bassi de Melo



Fonte: Dados extraídos (Portal QUedu).

Na imagem acima observamos os dados extraídos por meio da Prova Brasil no ano de 2017, onde contata-se que apenas 5% dos alunos de 9º ano atingiram a aprendizagem esperada em matemática e 21% em português. Considerando que a expectativa considerada como uma aprendizagem adequada seria de pelo menos 70%.

Assim, podemos diagnosticar duas questões: a escola apresenta baixo índice de aprendizagem, somado a um decréscimo significativo no número de matrículas. Aqui surge uma questão a ser respondida em pesquisas futuras – O que leva os pais a matricularem seus filhos em escolas mais distantes, mesmo que isso exija a utilização de transporte escolar, tendo uma escola pública bem próxima a suas casas?

Nesse contexto, é lançando o projeto pela UNIPAMPA – Campus Caçapava do Sul - com o nome Escola da Floresta, em alusão ao bairro onde a escola se localiza. Dotado de um caráter comunitário o projeto busca auxiliar a comunidade, promovendo uma renovação na sua relação com a escola, entendo que uma escola só tem sentido se ela atende a demandas de uma comunidade.

### 3 COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este referencial teórico tem por base o pensamento do professor José Pacheco, que criou uma metodologia para o desenvolvimento de Comunidades de Aprendizagem, que promovem

uma profunda transformação no modelo escolar clássico. Uma escola sem aulas, séries ou provas, pois como afirma o autor: “Aula não ensina e prova não avalia” (PACHECO, 2021, p. 1) É uma proposta de Escola fora dos moldes tradicionais, que entende o processo educativo de forma interativa, envolvendo a comunidade onde está inserida.

José Pacheco é natural da Cidade do Porto (Portugal), nasceu 1951 e é formado em Pedagogia, Especialista em Leitura e Escrita, MSc em Ciência da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. (IEA, 2019). Em entrevista sobre a Escola Pacheco fala:

Quando jovem, esse educador de fala mansa não pensava em lecionar. Queria ser engenheiro eletrônico. Mas uma questão o inquietava: por que a escola ainda reproduzia um modelo criado há 200 anos? Na busca por uma resposta, se apaixonou pelo magistério. "Percebi que na engenharia teria menos a descobrir, enquanto na educação ainda estava tudo por fazer." Desse "tudo" de que tem se incumbido o professor Zé, como gosta de ser chamado. (NOVA ESCOLA, 2019, p. 1)

Pacheco foi o a idealização da Escola da Ponte que se tornou uma referência mundial, devido ao sucesso que logrou em uma região periférica de grande vulnerabilidade social e de baixo desempenho educacional. Este educador também é autor de mais de 100 projetos para uma nova Educação no Brasil e, atualmente, é o coordenador pedagógico do Instituto Gaia Escola, que está organizando uma grande rede internacional de Comunidades de Aprendizagem.

Portanto, o pivô desse projeto – e sua visão de educação - é a ideia de Comunidades de Aprendizagem, pensamento que vem ganhando espaço na comunidade educacional. Como exemplo, a Secretaria de Educação do Distrito Federal está apoiando o desenvolvimento da Comunidade de Aprendizagem do Paranoá, sob a orientação do José Pacheco, que abriga 560 alunos e teve seu início em 2018. Portanto, uma comunidade de aprendizagem é todo o conjunto da escola e sua comunidade: estudantes, professores, pais, direção, vizinhos, empresas, como afirma:

Muitas coisas dão certo na Ponte e alguns desafios ainda são vivenciados pela equipe. O trabalho com a formação pessoal e social, a gestão democrática do currículo, o respeito ao tempo e ao ritmo de cada criança, os espaços democráticos de debates e discussões são práticas que fazem da Ponte um projeto especial – pensar a escola como uma comunidade de aprendizagem, onde todos têm suas responsabilidades e precisam participar da vida política da escola; um projeto que promove a autonomia e foge das aulas massificadas (PACHECO, 2013, p. 14)

Portanto, nessa concepção, a ação educativa deve ser um ato de comprometimento entre todos com a finalidade de um crescimento comunitário coletivo, dinâmico e sujeita a mudanças constantes. Por essa característica que essas escolas/comunidade consolidam uma profunda aprendizagem de cidadania e de democracia, pois estes não são assuntos a serem lidos em livros,

ou ouvidos em sala de aula, são princípios vivenciados no cotidiano escolar. Como afirma Pacheco: *Não educamos para a Cidadania, educamos na Cidadania* (PACHECO, 2013, p.81).

Quando nos deparamos com a proposta educacional desse autor, a primeira coisa que nos perguntamos como pode acontecer um processo de aprendizagem sem aula, sem professor, sem prova e sem sala de aula? É com intuito de responder a essas questões que nos concentraremos nas próximas páginas.

**Mas, se nessa proposta não existe aula, como as pessoas aprendem?** Aprendem por meio de pesquisas, de experimentações e de projetos. Não existe aula expositiva, ou uma matéria única para um mesmo grupo de pessoas. Cada sujeito aprendiz desenvolve suas próprias pesquisas, de acordo com seus interesses, orientado pelo tutor que vai problematizando a aprendizagem e sugerindo novos problemas e fontes de pesquisa. Nos projetos (que também emergem do interesse coletivo), os estudantes compartilham os temas de pesquisa comuns, que estimula as experimentações e a formação de grupos de estudo.

Esse processo envolve o comprometimento de todos os envolvidos com a Comunidade de Aprendizagem, que apesar de não ter provas, nem séries, tem uma comunidade que ampara os processos de aprendizagem. Para isso, Pacheco coloca certas ponderações as quais devem ser seguidas para que o ambiente, a comunidade educacional seja organizada de forma produtiva:

- Regras de convivência, devem ser seguidas por todos - alunos, pais e professores.
- Distinguir liberdade de permissividade.
- Promover a autonomia, a solidariedade, a liberdade e a responsabilidade.
- Os educadores devem estar abertos à mudança.
- Os pais dos alunos devem apoiar o projeto.

**Se não existem Salas de Aula, onde as crianças aprendem?** Há pavilhões de humanística onde se estuda História, Geografia, Sociologia etc. Pavilhão das Ciências Exatas, onde se estuda Matemática, Física; pavilhão de Artes e assim por diante, bem como das novas tecnologias, todos com seus devidos equipamentos de estudo. Nessa concepção, a aprendizagem pode acontecer em muitos lugares: na praça, na padaria, na oficina, pois cada local tem um potencial de consolidar uma aprendizagem.

**Se não existem professores, quem auxilia os estudantes em seu desenvolvimento educacional?** Os tutores cumprem o papel de estimular e de orientar os estudantes em suas pesquisas e experimentações, sugerindo métodos, fontes de pesquisa, sempre partindo das zonas de interesse dos alunos e de sua comunidade. Partindo desse interesse, o tutor estimula os estudantes a ampliarem sua perspectiva e ampliar as múltiplas interações que aquele tema tem com outras áreas do conhecimento.

Um currículo exterior ou objetivo que é elaborado pelo governo, sendo a base de referência para a aprendizagem necessária para o estudante, fundamentadas nas matérias escolares, tais como Português, Matemática, Geografia, História, já o Currículo Subjetivo, o qual é o que cada aluno busca aprender de forma pessoal, única. (PACHECO, 2020)

**Como acontece as aprendizagens de interesse comunitário?** Em seu caráter comunitário, esses projetos não separam os temas e conteúdo da realidade local, em outras palavras, os alunos são exortados a resolver problemas da sua comunidade, que, por seu turno, devem estar ligados ao cotidiano escolar.

Em termos práticos, as crianças trabalham por projetos construídos a partir dos interesses delas. Então nosso objetivo é promover um aprendizado que seja significativo e que esses projetos dialoguem com questões reais da comunidade” observa a diretora da unidade, Renata Resende. “É um desejo grande de muitas pessoas que se encontram na educação. Um desejo de que a educação ultrapasse os muros da escola, de que a aprendizagem não aconteça apenas no colégio. Ela acontece no mundo e é isso que pretendemos trabalhar. (MARINHO, 2019, p. 1)

Nesse sentido, que nasce a caracterização de cada Comunidade de Aprendizagem, pois cada local tem suas realidades e problemas distintos. Em outras palavras, faz-se imprescindível o mapeamento do potencial educativo do território, bem como a construção da identidade social da comunidade, significando que os alunos vão aprender e construir a história de sua comunidade. Ressalta-se que não adianta termos alunos que sabem muitas informações de outras cidades e países e não conhecem a sua realidade, sua cidade, seus rios, seus recursos naturais, sua história, seus artistas, artesanatos e suas lendas. José Pacheco dá a definição do que deve trabalhar um currículo comunitário:

Encontramos escolas como verdadeiros quistos sociais, sem nenhuma relação real com o meio; estas escolas fechadas são elementos perniciosos para o meio. Museus, bibliotecas etc., estando à disposição de todos, deve a escola ensinar o povo a utilizar-se desses instrumentos de cultura (...) aí se inicia uma escola; todos os serviços escolares, toda a estrutura administrativa, toda a legislação escolar, toda a burocracia resultam à posteriori deste fenômeno primário; cada membro da comunidade, para além da responsabilidade pessoal e social, tem compromisso com as novas gerações. (PACHECO, 2020, p. 1)

Ou seja, a educação está para além das muralhas da escola e deve buscar o contexto da comunidade na qual está inserida e “ajudar” a comunidade também a crescer, em outras palavras a escola passa trabalhar com conceitos que se relacionam com a comunidade, socializando *os saberes*, como escola, instituição e alunos.

**Como avaliar sem provas?** A avaliação é elemento central não só nos processos de aprendizagem, mas em todos os espaços da vida social. O problema da prova é que ela acaba tornando-se o elemento central da atividade educacional, fundando a ideia de “estudar para passar”, quando o fundamento central deveria ser a própria aprendizagem. Ademais, a prova acontece após o processo de ensino-aprendizagem, como uma forma de testar a aprendizagem do aluno. Isso retira a dimensão formativa da avaliação, pois ela deixa de cumprir o papel de qualificar a aprendizagem, para ser aquele que julga a aprovação ou a reprovação do estudante. Como afirma Marinho:

Uma avaliação processual, continua e qualitativa. O que o educando faz na escola acaba sendo registrado e a gente consegue construir um portfólio digital de tudo que as crianças produziram naquele período. Dessa forma podemos gerar um relatório que é apresentado aos pais no final do bimestre. (MARINHO, 2019, p. 1)

Esta é a parte mais importante da escola comunitária, *se a prova não prova nada*. (PACHECO, 2021, p. 1). O que vale então? O estudante evidencia sua aprendizagem por intermédio de portfólio no qual registra todas suas pesquisas, experimentações e reflexões. Não existe avaliação posterior, a avaliação é feita continuamente pelo professor-tutor e o estudante em um diálogo aberto sobre suas aprendizagens e os próximos passos a serem desenvolvidos.

Por isso, a avaliação visa ajudar o aluno a despertar para novos conceitos, metodologias, ação e primeiro lugar comprometimento e responsabilidade no que está fazendo. Se não há séries, como o aluno é classificado como apto? Pelo que faz, e como faz, não há fracassos nessa categoria de metodologia e sim, pode haver atrasos, como, por exemplo a criança pode demorar mais para aprender álgebra, e ser muito adiantada em literatura, é só uma questão de tempo e ensinamento todos aprendem a seu tempo.

Um problema que acontece num modelo de “escola comum”, por exemplo, em uma prova de Matemática, em que o aluno pode não saber uma categoria de operação e, mesmo assim, passar por notas e trabalhos por que, em geral precisa atingir só a média 6 em uma escala de 0 á 10. “Porque o saber não é soma de saberes e sim sua interação prática ou conceitual. Do contrário, se temos alunos que decoram a matéria, o que está sendo avaliado é essa capacidade e não inteligência”. (VASCONCELLOS, 1992, p.2)

Na Escola da Ponte, são utilizados cartazes nos quais vão registrando suas aprendizagens e os professores avaliam e sugerem melhorias. Há debates diariamente a fim de avaliar as atividades realizadas, assim como os processos de autoavaliação que acompanham todo o processo de aprendizagem. (VASCONCELLOS, 2006). Na Escola da Ponte, encontramos perguntas norteadoras para autoavaliação tais como:

O que aprendi nesta quinzena? O que mais gostei de aprender nesta quinzena? Outros aspectos que ainda gostava de aprofundar neste projecto; Mas ainda não aprendi a... Porquê? Outros Projectos que gostaria de desenvolver. Na última folha vem ainda as Informações do Professor Tutor, as Observações do Pai/Mãe/Encarregado de Educação e as Observações do Aluno. (VASCONCELLOS, 2006, p.7)

Percebe-se deste modo que a avaliação está intimamente ligada ao planejamento construído dialogicamente entre os estudantes e seus respectivos tutores. Assim, o processo educativo é tratado como um acordo transparente entre o estudante e professor-tutor.

Essas são algumas proposições e metodologias para a organização das Comunidades de Aprendizagem, no entanto não se tem receitas ou modelo fixo para tais projetos educacionais, pois cada localidade cria um modelo único de organização, a partir de suas especificidades e valores levantados pelo coletivo. Assim, temos como primícias dessas intervenções a criação de acordos com todos os agentes do processo educativo, na qual os participantes são coatores de toda a jornada, criando acordos que facilitem a convivência, de modo a estabelecer a vida na escola com a participação, a análise e a discussão. (NOVA ESCOLA, 2019).

#### **4. O PROJETO ESCOLA DA FLORESTA**

A Escola da Floresta é um projeto de extensão registrado na Universidade Federal do Pampa que visa desenvolver uma Comunidade de Aprendizagem no Bairro Floresta em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Eliana Bassi de Melo. Essa escola foi eleita

por enfrentar graves problemas com a aprendizagem insuficiente de seus alunos e um decréscimo significativo no número de matrículas.

O projeto iniciou no ano de 2019 com o processo formativo Escolas em Transição, em que o professor José Pacheco acompanhou a criação de quatro Comunidades de Aprendizagens espalhadas pelo Brasil, sendo uma delas a Escola da Floresta. Após algumas reuniões virtuais com o professor Pacheco, a equipe de tutores iniciou as atividades na escola, com a criação de um espaço de aprendizagem apto ao desenvolvimento das atividades do projeto.

Com o apoio da direção, a equipe transformou a sala de informática (desabilitada há vários anos) em um ambiente de aprendizagem. Juntando algumas peças dos computadores desativados com doações, o grupo conseguiu colocar três computadores em funcionamento, sendo que o acesso à internet é fundamental para o desenvolvimento das pesquisas. Com o trabalho voluntário de membros da comunidade, a equipe também conseguiu recuperar o sistema de internet da sala que estava desabilitado.

O projeto-piloto trabalhou com uma turma de sexto ano por meio de encontros semanais, onde realizava-se tutoria, dinâmicas interpessoais e trabalhos de pesquisa. As atividades culminaram em novembro de 2019 com a vinda do professor José Pacheco que desenvolveu atividades pedagógicas junto a equipe do projeto, e com a presença de educadores de diversas cidades do Rio Grande do Sul.

Com a pandemia, as atividades do projeto se concentraram na ampliação do quadro de tutores que passaram por nove encontros formativos a fim de experienciarem as dinâmicas metodológicas das Comunidades de Aprendizagem. Os encontros eram desenvolvidos em ambiente virtual, onde os participantes experimentavam na prática o sistema de tutoria, o mapeamento dos potenciais educativos do território, o desenvolvimento de dispositivos de relação interpessoal, a tripla dimensão curricular, o desenvolvimento e avaliação de portfólio, criação de roteiros de aprendizagem etc.

Um dos pontos importantes das Comunidades de Aprendizagem é a filosofia e modo como a escola realmente opera, em que todos desde professor-tutor, aluno, pais conhecem todo o processo de formação segundo método de comunidade de aprendizagem. Uma prova disso era o que fazia professor José Pacheco sendo o diretor da escola da Ponte em Portugal, era comum a visita, para conhecer o projeto da “Ponte”, (referência mundial), de vários professores e de pesquisadores para conhecer o projeto e, após se inteirarem dele, ficavam supressos quando Pacheco se apresentava e logo chamava um aluno para mostrar a escola para visitantes e mostrar o projeto. Sim, as crianças sabiam e se inteiravam de toda a didática e as ações do funcionamento do projeto. Segundo Pacheco, isso era muito bom em dois aspectos, um valorizava a escola e incentivava o projeto como pessoas procurando saber sobre seu funcionamento. Segundo, quando uma criança, ao explicar o projeto para estranhos, deveria ser entendido o funcionamento da escola sem complicações, ou seja, todo funcionamento da escola deveria ser de tão fácil compreensão que os alunos possam explicá-lo.

Em síntese, para que um projeto de comunidade escolar possa dar certo, segundo José Pacheco, ele precisa comprometimento de todos os agentes, professores, alunos e pais. Outro fator é que o projeto deve ser realizado em toda a escola e não só em algumas turmas ou por alguns professores — este é principal diferencial: a comunidade escolar é a filosofia da escola e seu modo operante.

Em tais projetos os referenciais curriculares nacionais não são abandonados, eles são trabalhados de forma mais orgânica, pois o processo inicia com os interesses do estudante e sua pesquisa vai sendo conectada a esses referenciais sem linearidade ou sequencialidade formal. Assim o aluno conquista as aprendizagens necessárias, mas de forma significativa e conectada

a seu ritmo e interesse. Por isso que no diálogo entre os estudantes e seus tutores são acordados planejamentos com objetivos diários, semanais e mensais, tudo dentro de uma organização que, apesar de flexível, mantém-se a produtividade e aprendizagem dos estudantes. O aluno é sempre motivado a desenvolver aprendizagens, com qualidade, metodologia e responsabilidade.

Assim o processo educacional se torna mais compreensível, pois tem objetivos claros e acordados com os estudantes. Sempre que um aluno tem alguma dúvida, ou dificuldade, isso é tratado com muita naturalidade e respeito de forma orgânica sem preconceitos e julgamentos. Sendo eliminadas aquelas famosas frases — “isso você deveria já ter aprendido” — “eu não repito conteúdo”, etc... Aqui o principal é o desenvolvimento do aluno segundo seu ritmo, que pode demorar mais em algumas áreas e em outras pode ir muito além, como, por exemplo, construir um projeto de robótica que tem todo um complexo de estudos de engenharia avançada. Isso pode parecer simples, mas este é um dos fatores que fez a Escola da Ponte ter resultados extraordinário em nível nacional, e que por isso acabou sendo reconhecido mundialmente, permitindo o aluno avançar em seu tempo e de acordo com suas motivações reais.

O tema das Comunidades de Aprendizagem que, no Brasil, está começado a ser estudado e implantado em diversos projetos com perspectivas e olhares diferentes. Apesar de suas diferenças tais projetos apresentam elementos em comum, principalmente as parcerias entre a escola e comunidade e a valorização de uma aprendizagem significativa e conectada aos interesses e demandas da comunidade.

Durante o ano de 2020 o projeto Escola da Floresta acabou sendo prejudicado em sua atuação na escola, devido às restrições da pandemia do Covid-19, que não permitiu o prosseguimento das atividades presenciais iniciadas em 2019. Não obstante, seguimos como projeto de formação de Tutores que envolveu educadores de outras cidades e estados.

Segundo minha percepção, o que mais me impactou foi a prática de levar a Escola para uma ‘práxis’ na própria comunidade, fazendo-se importante para comunidade não só como formadora dos indivíduos locais, mas como uma ponte para resolver seus problemas. Pois os alunos são estimulados a se apropriarem dos desafios da sua comunidade, refletindo e propondo soluções para estes.

Essa perspectiva transforma a escola em um projeto sustentável e comunitário, pois extrapola seus muros, resgatando a responsabilidade que a comunidade precisa ter com a educação de suas crianças e jovens. Portanto, um projeto de Comunidade de Aprendizagem é mais que uma ação comunitária isolada, como uma horta comunitária, ou uma feira de ciências. A Comunidade de Aprendizagem deve ir muito além disso, ela se faz e um prazo de longa duração, formando pessoas, modificando suas percepções sobre educação e sociedade, auxiliando no desenvolvendo de sua autonomia e promovendo processo de auto-gestão comunitária.

Assim, cria-se um ambiente de integração escola-comunidade, onde os temas globais são abordados na sua relação com a localidade, sua história e identidade. Pois conhecer o maior rio de água doce do mundo é importante, todavia faz-se necessário conhecer os rios que banham sua comunidade, e como protegê-los de ameaças e de poluições.

No processo de formação dos tutores foi desenvolvida a chamada Matriz Axiológica, onde a equipe de tutores se compromete com certos valores acordados coletivamente e que serão os elementos orientadores de todo o projeto, por isso que José Pacheco, afirma que o cerne dessas comunidades são as pessoas, seus valores e a forma como estes valores são transformados em práticas educativas. (PACHECO, 2014)

Figura 2 - Matriz axiológica produzida pelo grupo de estudos.



Fonte: (<https://classroom.google.com/u/0/c/MTc3NzkyODU5MDAz/> 2021, p.1)

Aqui a Matriz Axiológica traz os valores elencados pelos integrantes da Escola da Floresta, de modo a chegar a uma matriz comum, que sintetize os valores e ideais que fundamentam o coletivo. Tais valores integrarão a Carta de Princípios, onde o entendimento desses valores serão explicitados, e a partir do qual serão construído os acordos de convivência da Comunidade de Aprendizagem.

Como ficou exposto muitas das atividades do projeto ficaram comprometidas pela pandemia e suas incertezas. Para dar continuidade ao projeto e seguir com a formação dos tutores, a equipe começou a trabalhar a prática de tutoria com as crianças mais próxima ao grupo: filhos, sobrinhos, afilhados (alguns deles alunos da escola). No grupo de Estudos para formação de professores-tutores se montou a matriz-axiológica remotamente.

A constituição formativa do Projeto Escola da Floresta concluiu ao final de 2020 com um grupo de 18 tutores preparados para trabalhar segundo a proposta metodológica das Comunidades de Aprendizagens. Esses tutores reunirão sua disponibilidade de tempo em um banco de dados que servirá como subsídio para abrir vagas para a inscrição de nossos estudantes. As vagas serão destinadas aos moradores do Bairro Floresta, com prioridade para os alunos da escola Eliana Bassi de Melo, mas podendo envolver outros membros, independente da sua faixa etária.

Ao regresso das atividades presenciais na escola, previsto para março de 2021, será desenvolvida uma turma-piloto não seriada, envolvendo alunos e membros da comunidade. Como espaço físico, utilizaremos de duas salas da escola: o antigo laboratório de informática, transformado em ambiente de aprendizagem que contará com computadores, livros, jogos, microscópios e outro ambiente para desenvolvimento das atividades artísticas e corporais. Para além desses espaços, aproveitaremos os ambientes externos da escola e da comunidade para atividades físicas, ações socioambientais, feiras de trocas, etc.

Para março de 2021, está agendada uma nova visita do professor José Pacheco que virá acompanhar as atividades do projeto. Contando que, nesse período, as medidas de afastamento social já tenham terminado, as atividades acontecerão com a presença de toda a comunidade escolar no prédio da escola.

## **5 METODOLOGIA**

Para esse trabalho partimos de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa sobre Comunidades de Aprendizagem, e o estudo de caso que acompanhou a implantação da Escola da Floresta. Para esse desafio utilizamos as metodologias da Observação Participante com auxílio de um diário de campo.

O problema que pautou nossa pesquisa, resume-se aos mecanismos, estratégias e táticas (GIL, 2002, p. 18, 21) que são utilizadas dos para criação de uma Comunidade de Aprendizagem segundo a proposta do professor José Pacheco.

Para a pesquisa bibliográfica utilizamos a ferramenta do Google Acadêmico, tendo por pesquisa as palavras-chave “Comunidades de Aprendizagem” e “Escola da Ponte”. Na observação participante acompanhou-se as reuniões presenciais que se realizaram na escola (durante o ano de 2019), o processo formativo Escolas em Transição (coordenado pelo professor José Pacheco), bem como a participação nos encontros da formação dos tutores do projeto

Também apontamos que esta pesquisa segue as normas da Resolução n. ° 510, de 7 de Abril de 2016, ou seja, seguindo a ética, o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas (Resolução, 2016, p. 1).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao acompanhar o projeto Escola de Floresta, foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio da análise bibliográfica e da observação participante. Inicialmente a comunidade estará organizada como atividade complementar de contraturno, mas, como Projeto Piloto, pretende averiguar a possibilidade de integrar-se como atividades escolar regular, substituindo as rotinas escolares convencionais e disciplinares. Assim o este Projeto Piloto ajudará a verificar a possibilidade de desenvolver outras experiências do gênero, não só nessa escola, mas em outros contextos e lugares.

Como sugestão penso que o projeto poderia buscar registro como ONG a fim de criar uma Fundação Educacional, vinculada ao município e ao Governo Federal e utilizar a estrutura cedida da escola. Podendo também firmar parcerias com outros projetos da UNIPAMPA – Campus Caçapava do Sul, como a Rede de Saberes Articulando Ciência, Criatividade e Imaginação (SACCI), para o trabalho com robótica nas escolas; com o Projeto Reciclar para organizar ações conjuntas de conscientização e separação correta de resíduos; com o Curso de Licenciatura em Ciências Exatas para envolver aos acadêmicos no projeto, beneficiando tanto a escola e a formação acadêmica; o Projeto do Geoparque para pensar estratégias conjuntas de desenvolvimento do turismo e organização de visitas de estudo. Pois esses projetos abrem um leque ambiental e educacional, uma vez que contam com apoio de vários profissionais e instituições

O ponto negativo do projeto é de fato colocar ele na sua execução plena, por que depende não só dos profissionais e educadores, mas das bases burocráticas e políticas que dificultam a colocação do projeto, que tem de seguir as normas do governo local, e atender as exigências de governo e secretárias municipais.

Para trabalhos futuros é importante continuar pesquisando a formação de Comunidades de Aprendizagem, e escrever sobre o mesmo, por se tratar de uma nova perceptiva para a educação e reflexões profundas que poderão ser um marco na mudança da história da educação.

Esta categoria de projeto é uma forma de colocar em prática e, ao mesmo tempo, criar uma literatura local sobre o assunto.

Por fim afirmamos que a Comunidade de Aprendizagem traz um grande potencial para a comunidade local, tornando-se uma referência de ação comunitária e educativa, estimulando a preservação do patrimônio natural, o desenvolvimento de laços comunitários, o incentivo ao desenvolvimento local (em nível financeiro, tecnológico, ambiental e cultural) e a gestão democrática dos territórios. Pois para nos desenvolver enquanto território e preservar nosso patrimônio social e natural, precisamos contar com esse sentimento de pertencimento comunitário que a Escola da Floresta pode oferecer.

## REFERÊNCIAS

- BOGOMOLETZ, Liana Velazquez. **Individualidade, respeito e autonomia: como funciona a Escola da Ponte em Portugal**. 2019. Disponível em <http://aliancapelainfancia.org.br/inspiracoes/individualidade-respeito-e-autonomia-como-funciona-a-escola-da-ponte-em-portugal/>. Acesso: em 20 out 2020.
- CRESWELL, John W. **Projetos de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002
- IEA. **José Pacheco e a Escola da Ponte**. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoaj/jose-francisco-de-almeida-pacheco> Acesso em: 8 de OUT. 2019.
- LEITE, Ana Carolina. **Por uma escola dos sonhos Projeto experimental em Audiovisual**, 2015. Projeto de Conclusão do Curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília. 2015. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12333/6/2015\\_AnaCarolinaResendeLeite.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12333/6/2015_AnaCarolinaResendeLeite.pdf) . Acesso em: 1 de JAN. 2021.
- MORAIS, Rogério. **O que esperar da próxima década na educação**. Disponível em: <https://blog.qedu.org.br/blog/categoria/rogerio-morais>. Acesso em: 8 de DEZ. 2020.
- NOVA ESCOLA. **José Pacheco e a Escola da Ponte**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/335/jose-pacheco-e-a-escola-da-ponte> . Acesso em: 8 de OUT. 2019.
- PACHECO, José. **A Escola da Ponte sob múltiplos olhares**. Porto Alegre: Penso, 2013. 170 ps
- \_\_\_\_\_. **Individualidade, respeito e autonomia: como funciona a Escola da Ponte em Portugal**. Revista Aliança pela Infância. São Paulo. Disponível em: Acesso em: 17 Out. 2020.
- \_\_\_\_\_. **Aprender em comunidade / José Pacheco**. -- 1. ed. -- São Paulo : Edições SM, 2014. Disponível em: <https://cidadeseducadoras.org.br/wp-content/uploads/2018/04/aprender-em-comunidade.pdf> . Acesso em: 9 de DEZ. 2020.
- \_\_\_\_\_. **Santa Rosa, 21 de novembro de 2040**. Revista Educação – Blog. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/12/15/pacheco-comunidades-aprendizagem> . Acesso em: 8 de DEZ. 2020.
- \_\_\_\_\_. **Construindo Conceitos, criando relações – 1ª parte** . São Paulo: Edições SM, 1. ed., 2014. Disponível em: <https://ecohabitare.com.br/livros/>. Acesso em: 2 jul. 2020.
- \_\_\_\_\_. **Aula não ensina, prova não avalia** – Revista Ensino Superior. São Paulo: Edição 248. Disponível em: <https://revistaensinosuperior.com.br/jose-pacheco-aula-nao-ensina> . Acesso em: 2 jan. 2021.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de valores / José Pacheco**. — 1. ed. — São Paulo: Edições SM, 2012. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/pdf/15794939.pdf> . Acesso em: 8 de DEZ. 2020.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de valores**. 1. ed. São Paulo: Edições SM, 2012.

QEDU. Disponível em: **Eeef Prof Eliana Bassi De Melo.**

<https://www.qedu.org.br/escola/234243-eeef-prof-eliana-bassi-de-melo/censo-escolar> Acesso em: 8 de OUT. 2020.

RESOLUÇÃO 510 (07 de Abril 2016). **Plenário do Conselho Nacional de Saúde.**

Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 3 de nov. 20

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Metodologia Dialética em Sala de Aula.** In: Revista de Educação AEC. Brasília: abril de 1992 (n. 83).

USP, Jornal. Disponível em: **Inovação escolar deve buscar inclusão, aponta relatório.**

Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/inovacao-escolar-deve-buscar-inclusao-aponta-relato> Acesso em: 8 de OUT. 2019.

## ANEXOS

IMAGEM 1: PACHECO, J. **Construindo Conceitos, criando relações – 1ª parte.** São Paulo: Edições SM, 1. ed., 2014. Disponível em: <https://ecohabitare.com.br/livros/>. Acesso em: 2 jul. 2020.

IMAGEM 2 Disponível em: <https://classroom.google.com/u/0/c/MTc3NzkyODU5MDAz> Acesso em: 24 de Dez. 2019.